

# A INTENSIDADE EXPRESSIVA DO OLHAR

Mustafa Yazbek\*



Noé Gertel quando repórter redator do jornal do PCB *Hoje*, 1946.

Da primeira vez em que tive a chance de conversar com o companheiro Noé Gertel minha reação somente podia ser de orgulho. Sabia de quem se tratava no quadro da resistência de esquerda. Não imaginava que um dia seria apresentado a um dos combatentes da chamada Batalha da Praça da Sé de 1934, onde a união de comunistas, socialistas, liberais e anarquistas desmontou uma manifestação integralista.

Esse contato ocorreu no começo da década de 1980, mas a convivência com Noé apenas se intensificou alguns anos adiante. Foi quando começaram a se tornar mais constantes os encontros do grupo de amigos de todas as idades e unidos por várias afinidades, o conhecido Clube dos Ursos na Pizzaria Micheluccio, na rua paulistana da Consolação. Grupo esse que Noé contribuiu para criar e manter e do qual seria uma das personalidades centrais (houve quem o elegesse como “presidente honorário”).

Antes, em função de eventos políticos e jornalísticos, eu tive alguns encontros esporádicos

com ele. Em uma das primeiras oportunidades, algo que me chamara a atenção foi o respeito que ele manifestou por um homem fundamental para a compreensão da luta política em nosso tempo, Yasser Arafat. Deixou Noé um depoimento sobre uma vez em que lhe foi permitido conhecer de perto esse líder palestino durante certo encontro de jornalistas em Praga, então Tchecoslováquia. Fez questão de dizer que, ao se aproximar de Arafat, ficaria para sempre impressionado – segundo ele, algo que não teve paralelo mais que duas ou três vezes durante toda a vida – com a intensidade expressiva do olhar daquele combatente que lutava (ainda luta, ao menos enquanto redijo este texto) com toda a força por sua gente.

Essa admiração revelada não deixou de contribuir na diluição do empedrado estereótipo que de alguma forma ainda resistia em mim quando configurava uma pessoa de origem judaica, mesmo que no caso um jornalista comunista, como necessariamente precavida diante de um líder palestino que sempre se revelara inimigo de seu povo (da parcela sionista de seu povo, melhor deixar claro, de passagem).

Como não fosse suficiente, houve outro estereótipo que a convivência com Noé me ajudou muito a dissolver. Foi aquele que classificava a maioria dos denominados autênticos bolcheviques históricos como gente obrigatoriamente intolerante, rígida, de conduta política enquadrada a marteladas pelo ideário revolucionário. Mas tal estereótipo

Não imaginava que um dia seria apresentado a um dos combatentes da chamada Batalha da Praça da Sé de 1934

\* Escritor, jornalista e tradutor. Autor de vários livros, como *Os bandeirantes*, *Triste Bahia*, *A Espanha muçulmana* e *O movimento palestino*, entre outros.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.17.v0n37.2199>

precisou de mais tempo para vir abaixo, e valeu a pena toda essa demora.

Magnetismo encantador, sem dúvida, tinha igualmente o olhar de Noé, manifestado em sua militância cotidiana mas presente também nas nossas descontraídas reuniões à mesa da Michelluccio. Não posso dizer que eu era dos que mais conversava com ele, ao menos nessas noites quando, com aqueles outros companheiros, nos encontramos na pizzaria para tratar dos problemas do mundo sem deixar de rir deles. No meu caso, desde que o conheci, tenho de confessar que o que eu costumava fazer mais do que conversar era ouvi-lo

com atenção, porque representava sempre uma fonte inspiradora de vida, quer falasse sobre imprensa, socialismo, cinema, livros, viagens ou mulheres. Para isso, eu tentava chegar cedo à pizzaria (Noé quase sempre era o primeiro a chegar) e assim ter a chance de sentar-me perto dele.

E, para sempre, é algo que pretendo continuar a fazer: ouvir o amigo Noé Gertel falar de sua luta social, de sua vivência política, de sua prática jornalística. Falar com a dignidade, com a elegância, com a generosidade que usava para refletir sua crença no potencial das pessoas, fossem elas ou não membros do Clube do Ursos.